

REVISTA

ADVENTISTA

«ATÉ QUE TODOS CHEGUEMOS À UNIDADE DA FÉ, AO CONHECIMENTO DO FILHO DE DEUS»
(EFÉSIOS 4.13)

Sumário:

Educação — O trabalho em comum, por Otto Schubert
O Concílio da Primavera da Conferência Geral

Leituras para a Semana de Oração de 1947:

Sábado, 29 de Novembro — **Piedade individual**, por Ellen G. White

Domingo, 30 de Novembro — **Que horas serão?**, por H. M. S. Richards

Segunda-feira, 1 de Dezembro — **Proclamando o Sábado mais intensamente**, por A. G. Stewart

Terça-feira, 2 de Dezembro — **Como manter uma experiência cristã?**, por F. G. Clifford

Análise à literatura Davidiana (continuação)

O caso do Padre Manuel da Ascensão Dias, por A. Dias Gomes

Nós encontramos as directivas pedagógicas para a nossa obra de educação, na Santa Escritura. A Bíblia é a fonte de toda a sabedoria e de toda a inteligência. Seus ensinamentos constituem ao mesmo tempo a base para a nossa concepção teórica do mundo e da nossa condução prática. Ela revela o grande amor de Deus, amor que se manifesta na dádiva de seu Filho; ela revela Jesus e a sua vida exemplar. A palavra profética revela como Deus conduz o destino dos homens. Na poesia bíblica nós encontramos os mais profundos pensamentos filosóficos e as obras históricas relatam os inícios das actividades humanas. A palavra viva de Deus oferece-nos uma tal plenitude que nós jamais a poderemos profundar inteiramente. Assim aguardamos, com prudência, encontrar nela os princípios para a educação.

Vejamos, por exemplo, a escola de Jesus. Os discípulos juntavam-se em volta do Mestre. Eles eram de humilde condição, e poucos conhecimentos possuíam. Alguns entre eles manifestavam defeitos desagradáveis, e não sabiam como comportar-se com os seus semelhantes. No entanto, três anos de trabalho após o seu contacto com o Mestre, eles partiram como mensageiros poderosos, para proclamar a todo o mundo a Palavra de Deus. Em que residia o segredo deste sucesso educativo surpreendente? Jesus, diremos, era o educador e o Mestre divino onisciente. No entanto, como se revelava a sua arte de educador? Que podemos nós aprender d'Ele, debaixo deste acontecimento? Neste exame nós podemos atender unicamente a um princípio. A escola de Jesus era uma escola de vida e de trabalho em comum. O Mestre vivia, ensinava e trabalhava com os seus discípulos. Dia após dia ele reunia-se com eles, participando nas suas alegrias e nas suas tristezas, tomando as refeições em sua companhia e, pedagogo perfeito, tirava de cada acontecimento uma lição rica de ensinamentos. A sua vida exemplar exercia uma influência poderosa, e a parte que tomava à existência dos discípulos dava-lhes a força para vencer seus defeitos e de adquirir os melhores hábitos.

Hoje nas escolas do mundo acontece precisamente o contrário. Muitas vezes existe uma tenção entre professores e alunos. Muitos professores e alunos crêem mesmo que esta tenção é necessária a fim de inculcar nos alunos um temor salutar. Mas numa escola cristã, esta situação não deve existir. Aí os professores e os alunos trabalham em conjunto para, da mesma maneira, atingirem o fim proposto. A dominação da Idade Média, do professor sobre o aluno, deve ser banida, como oposto ao espírito da escola de Cristo. «Mas vós não queirais ser chamados Rabi, porque um sómente é vosso Mestre, e vós sois todos irmãos.» (S. Mateus 23:8). O professor cristão não dominará os seus alunos, mas será para eles um guia e um conselheiro. Do seu lado os alunos não formarão um bloco hostil ao corpo de ensino, mas uma parte organizadora do todo.

Um dos pedagogos mais modernos disse: «O seu centro (da escola) deve ser a sala onde todos os alunos, em conjunto, tomem parte, em cada manhã, numa meditação religiosa curta, mas penetrante, a uma oração e a um cântico em comum, bem executado, onde eles escutem uma boa alocução breve e penetrante, uma sala que possa servir, por outro lado, às festas de alegria comuns, evocadas mais tarde como lembrança de uma actividade em comum. Mas mais importantes ainda são os portadores vivos, do espírito de educação, os professores. Para eles o lugar onde a sua vida se desonrola deve ser um santo templo; eles devem sentir-se todos unidos inteiramente, como uma confraria de mandato divino. Na sua maneira de trajar, condução, acções, palavras e gestos, devem revelar o espírito que deve ser o mesmo da casa. A vida moral ou religiosa não se desenvolve senão na verdadeira vida em comum.

Se os educadores que não fundam seus ensinamentos sobre a Bíblia chegam, por uma reflexão aprofundada, à convicção que o trabalho e a vida em comum são muito importantes na educação, quanto mais devemos nós que temos como exemplo a escola de Cristo, a esforçar-se para aplicar mais nos nossos estabelecimentos escolares os princípios tão essenciais da pedagogia cristã. O trabalho em comum é uma das condições do sucesso em toda a actividade educativa. Mas ele só é possível graças a uma verdadeira vida, em comum, tal como está organizada nas nossas escolas.

OTTO SCHUBERT

Secretário do Departamento de Educação
na União Sul-Europeia

Conferência Geral

Reuniu-se em Los Angeles, Califórnia, de 16 a 23 de Abril do corrente ano. O problema de maior importância a estudar era o da Escola Médica de Loma Linda, que necessita de maior desenvolvimento. Os oradores diários na hora devocional deram mensagens inspiradoras dos campos missionários que eles tinham visitado tempo antes. Esses relatórios falavam das luzes que voltavam a brilhar na escuridão do paganismo. Mesmo durante a guerra, separados da Conferência Geral, nesses campos a obra continuou e milhares aceitaram a Fé. Nem a ira dos homens nem as destruições da guerra podem derrotar a mensagem do Advento. Tudo isso se deve ao facto de que a Mensagem representa a única esperança nesta hora de angústia e perplexidade mundial.

O tesoureiro da Conferência Geral, W. E. Nelson, apresentou o seu relatório referente ao ano de 1946. Foi o ano em que, na história do nosso movimento, entraram mais fundos para a tesouraria — 370.856 contos. A Divisão da América do Norte contribuiu com 290.000 contos. Pelo contrário, quem mais dinheiro gastou foram os campos fora da América do Norte — 201.725 contos. As igrejas da América do Norte têm crescido em número e força nos últimos anos, segundo indica o secretário da estatística Claude Conard. Nesse país e Canadá temos actualmente 220.122 Irmãos na Fé com 2.740 igrejas. Em média, cada ano, acrescentam-se 27 novas igrejas, com mais de 7.000 membros.

~

Estamos certos que estas notícias enchem de júbilo todos os Irmãos adventistas de Portugal.

SEMANA DE ORAÇÃO

Sábado, 29 de Novembro de 1947

Piedade individual

por ELLEN G. WHITE

«QUEM há entre vós que tema a Jeová, e ouça a voz de Seu servo? Quando andar em trevas, e não tiver luz nenhuma, confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus.» (Isaias 50:10).

Há muitos que professam ser filhos e filhas de Deus, mas que estão caminhando nas trevas da incredulidade. Eles dizem: «Eu não tenho luz. Não sei se Deus me aceita». Durante anos têm tido um nome no qual podiam confiar e deveriam estar mais adiantados na experiência cristã e no conhecimento de Deus e nosso Senhor Jesus Cristo.

Eles deviam estar aptos a dar um claro e decidido testemunho de que, com efeito, têm sido justificados pela fé em Cristo. Nenhum homem tem poder para se salvar a si mesmo. Se alguém está caminhando nas trevas da incredulidade, deve deixar de olhar para si mesmo, contemplar Jesus e confiar naquele nome que está acima de todo o nome.

Quando nos deixamos arrastar pelas tentações de Satanás e caminhamos em trevas, dizemos ao mundo que achamos Cristo um Salvador insuficiente e que as legiões de anjos maus, que se agruparam ao redor da Sua cruz, na hora da sua mais severa agonia, o foram demasiado fortes para Ele.

Condescender com pensamentos melancólicos e meditar sobre dúvidas, enfraquecerá as faculdades espirituais do homem, até ao ponto

de não ter poder para compreender que o Salvador é fiel e que, no conflito contra os poderes das trevas, combaterá até à vitória completa daqueles que confiam n'Ele.

Satanás reclama para si o direito de propriedade do homem, mas o Salvador tornou-se o nosso resgate e com o seu precioso sangue pagou o castigo da transgressão do homem.

O grande tema da redenção só pode ser compreendido quando nós comemos a carne e bebemos o sangue do Filho de Deus. É somente quando somos participantes da natureza divina que compreendemos o grande plano da salvação. Mas, é infelizmente visível, que a maioria dos que se dizem seguidores de Cristo, não compreende as mais altas verdades da palavra de Deus. Não é uma mera aceitação da teoria da reconciliação que salvará a alma—é a fé no facto de que Jesus morreu por nossos pecados que comoverá e submeterá os corações. Quando cremos que Jesus Cristo é o nosso Salvador pessoal, compreendemos que o Seu amor tem uma influência poderosa sobre nós. É quando contemplamos a Sua morte redentora que podemos dizer: «Ele é a minha confiança, a minha santificação, a minha justiça».

Não devemos caminhar à luz da nossa inspiração, porque, se o fizermos, mergulharemos na escuridão. Se deixarmos de olhar para nós e contemplarmos Jesus, andando com Ele, cumprindo alegre e voluntária-

mente a sua palavra, caminharemos na luz como Ele na luz está. Mas, se falharmos em fazer aquilo que é agradável à Sua vista, não poderemos esperar ser encorajados pela influência inspiradora do Espírito de Deus e não poderemos dizer com segurança: «O Senhor é a minha fortaleza e a minha porção eterna».

Haverá aqui alguém hoje para quem estas palavras sejam um apelo? Alguém «que tema a Jeová, e ouça a voz do Seu servo?» Que caminhe em trevas e não tenha luz alguma? Para esse são dirigidas as palavras: «Confie no nome do Senhor».

Penso que não haverá, entre esta audiência, uma só pessoa que não deseje ser auxiliada a obter a verdadeira fé em Deus. Tenho encontrado pessoas que parecem acreditar ser uma virtude estarem sempre a chorar e a lamentar-se devido às trevas e miséria espiritual em que se acham.

Que Deus as ilumine para que possam ver como a fé num Salvador, que morreu por nós, é um estimulante poder da vida cristã. O corpo quebrado e sangue derramado daquele que morreu no Calvário, será também oferecido em favor daquele que reconhece a sua condição de perdido. Que aqueles que estão em trevas possam ver o amor, a paciência e a bondade do nosso Pai celestial! Vou repetir essas promessas que estão cheias de conforto, luz e esperança.

Há muitos que parecem ter prazer em levantar todos os obstáculos possíveis e imagináveis, quando palavras de encorajamento lhes são dirigidas. Da sua atitude, qualquer um pode supor que eles pensam que a sua salvação depende da medida da incredulidade que manifestam. Alguns têm-me falado das obras que têm feito, das medidas que têm tomado, e como afinal não têm obtido bem-estar algum; contudo, quando lhes falo das obras que não têm feito, das medidas que não têm tomado, e como têm falhado em exercer fé nas promessas de Deus, e em confiar naquele que é não somente capaz de os salvar, como também está desejoso de o fazer, murmuram ainda de egoísmo, e obstinada incredulidade, encerrando-se por trás de uma parede de dúvida, onde a luz não poderá chegar-lhes.

Os méritos do sangue de Cristo podiam estar ao seu dispor; o Seu sacrificio de reconciliação supre perfeitamente todas as suas necessidades. As suas feridas e pisaduras poderiam achar n'Ele o remédio, porque «pelas Suas pisaduras fomos sarados», mas eles recusam persistentemente as misericórdias que Ele lhes oferece.

Apresento-vos hoje Cristo e Sua justiça. Ele é a única esperança da alma. Pela fé cada alma pode dizer como o salmista: «A quem tenho eu no céu senão a Ti? E na Terra não há quem eu deseje além de Ti.» (Salmo 73:25). Desde o momento em que o pecador repousa sobre Cristo pela fé, os seus pecados não estão mais sobre ele. Cristo toma o lugar do pecador e declara: «Eu levei as suas faltas, fui punido pela sua transgressão, tomei sobre Mim os seus pecados e coloquei sobre ele a Minha Justiça». O pecador que aceita Cristo fica sem culpa perante a lei. Mas quão vão é a esperança de entrarmos nos céus, se não temos agora fé em Cristo, se não há em nós um sentimento de prazer nas coisas espirituais, nem alegria nem antecipação nas alegrias do céu. O filho de Deus encontra em Cristo seu conforto e paz. Ele delicia-se a pensar na santidade do seu futuro lar imortal. O Senhor ordena: «Sede vós santos, porque Eu sou santo». O verdadeiro cristão deve esforçar-se constantemente por imitar a vida perfeita de Cristo. Devemos afastar os nossos olhos da escuridão e contemplar a luz. (*Home Missionary Extra*, Dezembro, 1889).

Uma genuína experiência cristã vivida dia a dia, trará ao seu possuidor nova força e fervor, resultando num constante crescimento espiritual. O Capitão da nossa salvação guia o seu povo passo a passo, purificando-o e preparando-o para a trasladação, deixando, contudo, para trás, aqueles que não estão dispostos a abandonar o pecado, nem se querem deixar guiar pelo Espírito de Deus, sentindo-se satisfeitos com sua própria justiça.

A vida cristã deve ser uma marcha de constante progresso. Jesus está assentado como um refinador e purificador do seu povo e quando a Sua imagem estiver perfeitamente reflectida nos Seus filhos, estarão então perfeitos, santos e preparados para a trasladação. Uma grande tarefa se requer dos Cristãos. Somos exortados a procurar a pureza do corpo e do espírito, aperfeiçoando-nos em santidade no temor de Deus.

Há um trabalho constante para o Cristão. Cada ramo da vinha mãe, tem que receber dela vida e força, para que possa produzir fruto.

Cristo é o nosso refúgio e somente pela fé n'Ele, poderemos formar caracteres aceitáveis perante Deus. Poderemos aumentar continuamente o nosso conhecimento, poder e virtude, mas, se não fizermos de Cristo nossa justiça e nossa força, fracassaremos no grande conflito que se encontra justamente diante de nós. Todos os que não experimentaram ainda o poder regenerador do Espírito Santo, são como o joio no meio do trigo. O Senhor tem na Sua mão a pá com que limpará completamente a eira, e no dia que está para vir, Ele discernirá «entre o que serve a Deus, e o que O não serve».

Procurai manter em vós um espírito humilde como o das criancinhas. Orgulho, inveja, ambições mundanas, concupiscências e o amor das facilidades, devem ser sacrificados sobre o altar do dever. Na simplicidade do amor, sede como aqueles pequeninos cujos anjos vêm continuamente a face de Deus. Uni, contudo, a estas virtudes a coragem de um experimentado guerreiro. Necessita-se hoje de fiéis Cálebs, que levantem destemidamente as suas vozes em defesa da justiça divina, que sejam os primeiros a ir para a frente da batalha e coloquem o estandarte da verdade no coração do campo inimigo.

As provas pacientemente suportadas, as bênçãos recebidas com gratidão, as tentações resistidas com firmeza, a mansidão, a bondade, a misericórdia e o amor, são as luzes que resplandecerão no carácter que o mundo contempla, revelando um visível contraste com as trevas lançadas pelo coração natural, onde nunca entrou a luz da vida e só existem o egoísmo e as paixões não refreadas. A graça de Deus pode fazer resplandecer assim o vosso carácter.

Ó! amor e graça de Deus! Ó! graça preciosa, mais valiosa que o ouro refinado! Ela eleva e enobrece o espírito humano, acima do que o pode fazer qualquer princípio, e coloca no coração o amor pelas coisas celestes, uma vez que olhemos para o nosso Salvador. Conversar com Deus e a contemplação das coisas celestes, transforma a alma à semelhança de Jesus.

Cada pessoa aprecie a que se parece com ela.

Cristo reconhece o Seu espírito e Sua imagem nos seus seguidores. À medida que se tornam mais semelhantes a Cristo, procuram ter com Ele uma mais íntima comunhão. Para eles o Seu carácter brilha com um novo poder de atracção. Encontram no Redentor encantos sem igual e Ele torna-se «o principal entre dez mil» e o seu mui amado. Seus caminhos são para eles mui preciosos e deleitam-se em fazer a Sua vontade.

Quando a fé perfeita, o amor sublime e a obediência abundam, trabalhando no coração dos seguidores de Cristo, tornam-se estes uma influência poderosa. Luz preciosa emanará deles, dissipando as trevas ao seu redor, aperfeiçoando e elevando os que se acham dentro da sua esfera de influência, trazendo ao conhecimento da verdade todos os que querem ser iluminados e desejam seguir o humilde caminho da obediência.

«Quem subirá ao Monte do Senhor? Ou quem estará no Seu santo lugar? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente». «Senhor, quem habitará no Teu tabernáculo? quem morará no Teu santo monte? Aquele que anda em sinceridade, e pratica a justiça, e fala verazmente, segundo o seu coração. Aquele que não difama com a sua língua, nem faz mal ao seu próximo, nem aceita nenhuma afronta contra o seu pró-

ximo; aquele em cujos olhos um réprobo é desprezado; mas honra os que temem ao Senhor; aquele que, mesmo que jure com dano seu, não muda. Aquele que não empresta o seu dinheiro com usura, nem recebe peitas contra o inocente; quem faz isto nunca será abalado.» (Salmos 24:3,4; 15:1-5). (Leitura da semana da prece para Dezembro, 21, de 1889 — *Home Missionary Extra*).

Consagração completa

O Senhor deseja que subamos ao monte para estarmos mais directamente na Sua presença. Caminhamos para um período de crise como jamais houve igual desde o princípio do mundo. Esse tempo requererá, daqueles que são chamados pelo nome de Cristo, uma inteira consagração de todas as faculdades da mente e de todas as forças do seu ser.

O amor de Cristo manifestado pelo seu próprio sacrifício, deve ser revelado ao mundo através da igreja. Mas, pelo presente exemplo da igreja, o carácter de Jesus é mal representado e é dada ao mundo uma falsa concepção do mesmo. O amor próprio exclui da alma o amor de Jesus, sendo essa a razão porque não há na igreja um amor mais zeloso e fervoroso para Aquele que primeiramente nos amou. O egoísmo é supremo em muitos corações. Seus pensamentos, seu tempo e seu dinheiro, são dispendidos na satisfação dos seus próprios desejos, enquanto ao seu lado estão a perecer as almas por quem Cristo morreu.

É esta a razão porque Deus não concede à Sua igreja as chuvas de bênçãos prometidas. Honrá-los agora de uma maneira distinta perante o mundo, seria colocar a Sua aprovação sobre as suas obras, confirmando a falsa representação que têm dado do Seu carácter. Quando a igreja se desligar do mundo, separando-se das suas práticas, costumes e princípios, então operará o Senhor entre o seu povo, derramará o Seu Espírito em grande medida sobre ele e o mundo conhecerá que o Pai os ama. (Leitura para a Semana de oração de Dezembro, 27, de 1890 — *Home Missionary*).

Moldados pelo Espírito Santo

A nossa vontade finita deve ser submetida à vontade do Infinito. A vontade humana deve harmonizar-se com a divina. Isto trará o Espírito Santo em nosso auxílio e, cada vez

que a nossa vontade é submetida à vontade Divina, estamos mais perto de nos tornarmos realmente a possessão adquirida por Deus, e da restauração da Sua imagem na nossa alma.

O Senhor Jesus actua através do Espírito Santo, porquanto é este o Seu representante. É através do Espírito que Ele alimenta a vida espiritual da alma, estimulando as suas energias para o que é bom, limpando-a de toda a impureza e preparando-a para o Seu reino. Jesus tem grandes bênçãos para derramar e ricas dádivas para distribuir entre os homens. Ele é o Maravilhoso Conselheiro, rico em sabedoria e em poder; e, se nós reconhecermos o poder do Seu Espírito e nos deixarmos moldar por Ele, seremos perfeitos em Cristo. Que pensamento maravilhoso! Em Cristo habita toda a plenitude da perfeição Divina! A Sua perfeição pode suprir a nossa imperfeição.

Nunca o coração humano conhecerá a verdadeira felicidade, se não se deixar moldar pelo Espírito de Deus. O Espírito conforma a alma restaurada ao verdadeiro modelo, Jesus Cristo. (*Review and Herald*, Agosto, 25, 1896).

Quando o Espírito Santo foi derramado no dia do Pentecostes, assemelhou-se a um vento veemente e impetuoso. Não foi dado em curta medida, antes, pelo contrário, encheu todo o lugar onde os discípulos se encontravam reunidos. Assim nos será dado também a nós, quando os nossos corações estiverem preparados para o receber.

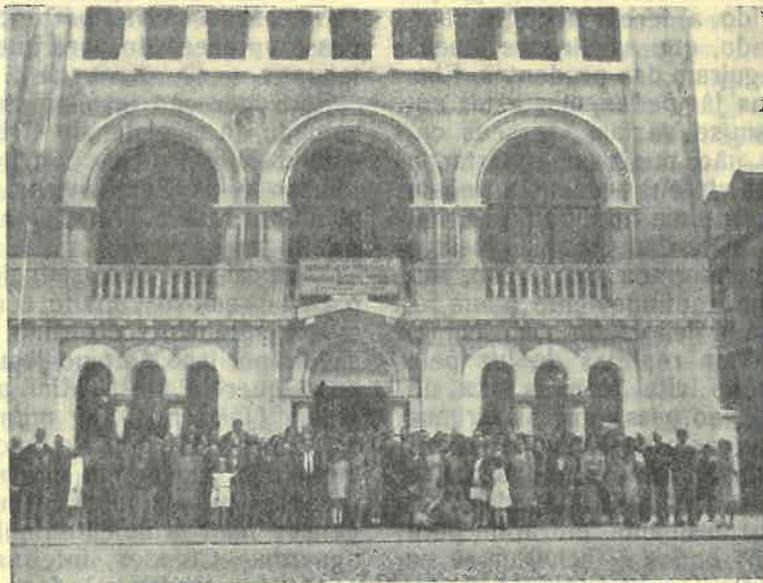
Que cada membro da igreja dobre os seus joelhos perante Deus e ore fervorosamente pelo derra-

mamento do Espírito. Clamai: «Senhor, aumenta a minha fé. Faz-me compreender a tua palavra; porque ela é para mim uma luz. Refrigera a minha alma com a Tua presença. Enche o meu coração com o Teu Espírito, para que eu ame os meus irmãos, com o mesmo amor com que Cristo me ama».

Que Deus abençõe aqueles que assim se preparam para o Seu serviço. Eles compreenderão o que significa possuir o Espírito Santo, porquanto aceitaram Cristo pela fé. A religião de Cristo não compreende somente o simples perdão do pecado, compreende também que o pecado é tirado e que o vácuo é preenchido pelo Espírito. Além disso, compreende ainda que a mente é divinamente iluminada, que o coração é despojado do eu e cheio com a presença de Cristo. Quando esta obra se fizer entre os membros da igreja, tornar-se-á esta então uma igreja viva e trabalhadora.

Nós devemos procurar fervorosamente ser unidos como se tivéssemos uma só mente e um só propósito. Ora este estado de perfeição só poderá ser obtido quando formos batizados com o Espírito Santo. Exercemos um espírito de renúncia própria, preparando assim os nossos corações para receber o Espírito de Deus, de forma que uma grande obra se possa operar em nosso favor e não digamos mais, «vede o que eu estou fazendo», mas «contemplai a bondade e o amor de Deus».

Nós podemos falar das bênçãos do Espírito Santo, mas, a menos que nos preparemos para o receber, de que servirão as nossas obras? Esforçamo-nos por al-



Os Delegados e Assistência às Assembleias de 1947

cançar a estatura perfeita em Cristo Jesus? Procuramos nós atingir a Sua plenitude, avançando sempre para o alvo que temos diante de nós — a perfeição do Seu carácter? (*Review and Herald*, Junho, 10, 1902).

É absolutamente essencial que compreendamos o significado da promessa do derramamento do Espírito Santo, que terá lugar pouco antes da segunda vinda de Cristo. Falai dessa promessa, orai pelo seu cumprimento e pregai sobre a mesma, porque o Senhor deseja mais dar-vos o seu Santo Espírito, do que os pais desejam dar boas dádivas aos seus filhos. (*Review and Herald*, Novembro, 15, 1892).

Preparai-vos para encontrar o Senhor

Devemos vigiar constantemente aguardando a volta do Senhor. Qualquer sintoma de adormecimento espiritual deve ser imediatamente vencido. Devemos resistir firmemente à mais leve inclinação para a apatia espiritual. «Sede sóbrios e vigiai» é a exortação do apóstolo. (I Ped. 5:8). Cada momento deve ser fielmente empregue. «Aquele que perseverar até ao fim, será salvo.» (Mat. 24:13). Somos aconselhados a esforçar-nos por obter a nossa própria salvação e a forma como o devemos fazer é claramente apresentada pelo apóstolo Paulo: «Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efectuar, segundo a Sua boa vontade.» (Filip. 2:13).

Aqueles que não de estar preparados para encontrar o Senhor, devem manter as suas lâmpadas cheias com o óleo da Sua graça. Foi devido a terem negligenciado tal cuidado, que as virgens loucas se distinguiram das prudentes. Elas tinham as lâmpadas, mas estas encontravam-se vazias. Os seus caracteres não puderam suportar a prova. As virgens prudentes tinham não somente um inteligente conhecimento da verdade, mas, ao mesmo tempo, pela graça de Cristo, aumentavam continuamente a sua fé, paciência e amor. As suas lâmpadas estavam repletas de luz pela sua ligação vital com a luz do mundo. E, ao passo que as virgens loucas, ao acordarem, acharam as suas lâmpadas quase apagadas, as prudentes, com suas lâmpadas lançando luz brilhante, entraram para assistir às bodas e fecharam-se as portas. (*Review and Herald*, Fevereiro, 3, 1903).

Caminhai na luz

O tempo da graça está prestes a terminar. Cristo tem suportado pacientemente os pecados dos homens, durante milhares de anos, mas o cálix da Sua ira transbordará em breve e então a Sua reprovação manifestar-se-á de uma forma severa. Deus tem-nos dado luz em grande medida. Temos nós caminhado nessa luz? Temos nós vivido de acordo com a mesma? Não haverá alguns que se têm sentido satisfeitos com a sua falta de consagração e vidas irreligiosas, andando justamente ao contrário da luz?

Eu desejo pedir-vos que olheis para trás e façais uma revisão à vossa vida passada. Como vão as vossas relações familiares? São as vossas palavras verdadeiras, bondosas, puras e edificantes, ou, antes pelo contrário, são elas a manifestação de um carácter tempestuoso e murmurador? Tendes vós sido sempre prontos a encontrar faltas no carácter dos outros, enquanto vós mesmos sois profanos em pensamentos, palavras e acções? Existe uma grande falta de poder espiritual, onde poderia habitar a plenitude do poder de Cristo.

O tempo está passando velocemente. Cristo fala individualmente a cada coração, como falou a Filipe: «Estou há tanto tempo convosco e não me tendes conhecido, Filipe?» (João 14:9). Mas, graças a Deus, não é ainda demasiado tarde para nos arrependermos. A misericórdia divina ainda não cessou. Quereis vós, esta manhã, atender ao convite da misericórdia divina? Quereis vós conhecer o que à vossa paz pertence? O gracioso convite está ainda soando por toda a parte. O que à vossa paz pertence ainda vos é apresentado para que o aceiteis.

Esta geração está-se tornando culpada da rejeição de Cristo. Ele estende ainda o Seu convite maravilhoso e os Seus avisos solenes soam por toda a Terra. Quereis vós rejeitá-los?

Lembrai-vos que, se rejeitardes o Seu precioso convite e os Seus avisos solenes, vos tornais responsáveis por isso e, como Jesus disse, «não quereis vir a Mim para ter vida.» (João 5:40). O mundo vive hoje num torvelinho de loucura, caminhando cegamente em busca de prazeres pecaminosos, sem sequer pensar na retribuição final que o aguarda. Cidades inteiras estão sendo devastadas pelo fogo e pelas tempestades. Tendes vós a vossa

casa sólidamente edificada sobre a Rocha inabalável?

Como Igreja, trabalhais vós inteligentemente para Deus? Como filhos e filhas de Deus, provais ser realmente a luz do mundo, brilhando no meio das trevas espirituais dos nossos dias? Manteis vós bem levantado o estandarte da verdade, dando, pelas vossas palavras e acções, um convincente testemunho da pureza da mesma? Auxiliai-vos uns aos outros? Como fiéis dispensários da graça de Deus, procurais edificar-vos uns aos outros? Esforçai-vos por auxiliar os que estão fracos na fé?

Levanta-te e resplandece

Alguns têm uma tendência especial para o erro. São pesos mortos, pedras de tropeço no caminho do próximo, fazendo-os falhar em praticar as obras do seu Deus para este tempo e para a eternidade. Mas naufragará assim para a eternidade o templo da alma humana? Não quereis vós, todos quantos vos encontrais aqui esta manhã, levantar-vos e dizer: «Não darei mais a Deus um coração dividido; servir-O-ei de todo o coração, nunca mais tornarei a representar mal a Sua verdade, levantar-me-ei e resplandecerei, santificar-me-ei na verdade e a ela obedecerei?» Tomareis vós hoje tal resolução? Não quereis prometer a vós mesmos, buscar a Deus de todo o coração, acabar com toda a injustiça e afastar todas as imperfeições do vosso carácter, que têm enfraquecido e deformado a vossa vida religiosa? Não quereis tomar hoje a firme decisão de vos colocardes inteiramente ao lado do Senhor?

O perdão e a paz de Deus serão vossos, se quiserdes estender as mãos para os receber, como uma dádiva gratuita do amor de Deus. Se hoje, com fé simples e sinceridade de coração, vos prostrardes perante o Senhor, recebereis a graça perdoadora do amor de Jesus. Apesar da vossa ingratidão passada e da vossa resistência aos convites e avisos de Jesus, Ele receber-vos-á tal como estais, se tão somente vós o quiserdes. E então, tomando sobre vós o Seu jugo e a Sua cruz, podereis dizer: «Vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim.» (Gál. 2:20). Não quereis fazer hoje um concerto com Deus, para que o mesmo seja registado nos livros celestes? (Leituras para a Semana de Oração, Dezembro, 25, 1897 — *Home Missionary*).

Que horas serão?

por H. M. S. RICHARDS

QUE horas são? Poderemos sabê-lo? O dia e a hora da vinda de nosso Senhor é desconhecido do homem porque Deus o não revelou. O próprio Cristo declarou, peremptoriamente, que Ele não podia torná-lo conhecido, não podia marcar o tempo exacto da Sua vinda mas, mesmo assim, tem havido pessoas a gabar-se de conhecer o próprio dia e hora. «Muito meticolosos são em fazer o mapa do futuro. Mas o Senhor avisou-os para que saíssem de tal posição. O tempo exacto da segunda vinda do Filho do homem é mistério de Deus.» (*Desejado dos Séculos*, pág. 632).

Embora não devamos perder tempo procurando penetrar os mistérios de Deus, podemos contudo saber que vivemos nos últimos dias e que a vinda do Senhor está próxima. Na realidade, somos ordenados a crer «que está próximo, mesmo às portas.» (S. Mateus 24:33).

Quando o mundo estava para ser submerso pelo dilúvio, foi mandada por Deus uma mensagem de aviso à humanidade. O justo Lote foi mandado sair de Sodoma antes que descesse fogo do céu. A destruição da cidade de Nínive foi anunciada aos seus habitantes. Em cada caso, a mensagem profética anunciadora da intenção divina foi, em primeiro lugar, feita ao povo de Deus e, depois, proclamada pelo povo de Deus. A Noé, pregador da justiça, veio a mensagem em como o dilúvio viria passados 120 anos. Princípiou a construir a arca e a proclamar a sua fé na palavra de Deus. Desta forma, condenou o mundo de incrédulos (Hebreus 11:7). Alguns dias antes do dilúvio, o Senhor revelou a Noé que tinha chegado o tempo em que a profecia se cumpriria. A mensagem de Deus era: «Mais sete dias e Eu farei chover sobre a Terra durante 40 dias e 40 noites; e todas as criaturas vivas que Eu fiz ficarão destruídas da face da Terra (Gênesis 7:4). Notemos que Deus deu a Noé o tempo exacto. Com respeito a Sodoma e ao seu fim no fogo, disse

o Senhor: «Esconderei Eu de Abraão as coisas que farei?» (Gênesis 18:17). Lote foi também avisado e, por sua vez, avisou outros. O profeta Jonas avisou Nínive do seu juízo iminente e foi o instrumento de Deus para operar nessa cidade um grande despertamento.

Encontramos, pois, nos tempos antigos, que o povo de Deus tem sido o porta-voz da palavra do mesmo Deus para anunciar as Suas mensagens aos homens. Deus sempre revela a Sua verdade presente ao Seu povo logo que chega o momento mais conveniente. Lemos em Amós 3:7: «Certamente o Senhor Jeová nada fará sem que revele o Seu segredo aos Seus servos os profetas».

Ora a vinda de Cristo ao mundo é acontecimento que as Escrituras dizem se realizará em certo tempo. Esta doutrina é claramente afirmada muitas vezes em palavras como as que encontramos em S. Mateus 16:27: «Porque o Filho do homem virá na glória de Seu Pai com os Seus anjos; então recompensará cada um consoante as suas obras». Mas, uma vez que a vinda do Senhor é acontecimento de tão suprema importância para todos os povos da Terra, não deveria ser anunciado a todos os povos a notícia da Sua iminência? Por certo que Deus, que avisou a humanidade da vinda do dilúvio, dos fogos de Sodoma, da destruição que pairava sobre Nínive não permitiria que todo o mundo encontrasse o seu fim sem receber qualquer sinal avisador. Não foi outra a Sua maneira de proceder no passado e, consoante as Escrituras da verdade, não será agora esse o Seu processo.

Claramente se afirma na Bíblia que haverá sinais precedendo a segunda vinda do nosso Salvador. De facto, o próprio Senhor afirmou, como lemos em S. Lucas 21:25-28: «E haverá sinais no solo, na lua e nas estrelas; e sobre a Terra angústia entre as nações com perplexidade; o mar e ondas bramindo; o coração dos homens desmaiando

na expectativa das coisas que sobrevêm ao mundo: porque as potências dos céus serão abaladas. E então verá o Filho do homem vindo numa nuvem com poder e grande glória. Quando estas coisas principiarem a acontecer, levantar as vossas cabeças e olhai para cima; porque a vossa redenção está próxima».

Ora como «haverá sinais» temos todo o direito de perguntar: «Em que tempo vivemos nós segundo a profecia da Bíblia?» Que horas serão nessa mesma profecia? A profecia aponta para os nossos dias como sendo «os últimos dias» de tempo, justamente pouco antes da vinda do Senhor. Quando João, o vidente apostólico, viu «uma nuvem branca e sobre ela um... como o Filho do homem», com aspecto de quem vem ceifar a seara da terra, também viu um povo chamado dos santos «que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.» (Apoc. 14:14,12). O aspecto de tal povo, dando em todo o mundo a mensagem da cruz, os mandamentos e a notícia da vinda do Senhor, é o supremo sinal dos nossos dias. Com isto concorda a palavra de nosso Senhor em S. Mateus 24:14: «E este Evangelho do reino será pregado em testemunho a todas as gentes e então virá o fim».

Uma tal mensagem mundial não poderia ter sido dada senão depois de 1798 porque nós lemos em Daniel 7:25 que «pequena ponta falará grandes palavras contra o Altíssimo e perseguirá os santos do Altíssimo e pensará mudar os tempos e as leis: e eles serão entregues nas suas mãos por um tempo e tempos e metade de um tempo». Sabemos que tudo isto se refere aos 1.260 anos da supremacia papal de 538 a 1798. Por isso é muito claro que o povo da profecia que proclama a mensagem mundial da vinda de Cristo não poderia aparecer antes daquela data (1798) quando os santos, os tempos e a lei do Altíssimo fossem libertos da mão do poder papal.

Voltando à profecia dos sete se-

los de Apocalipse 6 a 8, encontramos que a mensagem final de aviso aos homens sobre a vinda de Cristo não poderia ir a todo o mundo senão depois de 1833 porque o grande sinal da queda das estrelas mencionado em Apoc. 6:13 deu-se nesse ano. Lemos também em Apoc. 6:12-14: «E olhei quando se abriu o sexto selo e eis que vi um grande terramoto; e o Sol tornou-se preto como saco de silício e a lua tornou-se como sangue e as estrelas do céu caíram sobre a Terra como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. E o céu retirou-se como um livro que se enrola, e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares». E então os versículos seguintes falam daquela grande reunião de oração quando os grandes da Terra — em realidade, de todo o mundo — se unirão num apelo, não a Deus, mas às rochas e montanhas para os esconderem da face do Cristo que volta. Todas as nações estarão representadas naquela reunião de oração.

A queda das estrelas deu-se em 1833. Este sinal já se deu, mas ainda não assistimos ao enrolar dos céus como se fosse um rolo. Compreende-se, pois, que a mensagem do selamento trazida à nossa vista no capítulo 7 deve ser dada ao mundo entre os versículos 13 e 14 do capítulo 6 — isto é, depois do sinal das estrelas e antes da vinda de Jesus.

Mas nós avançaremos mais um passo e diremos que a mensagem de preparação para os últimos dias do mundo não poderia ser proclamada na sua máxima força antes de 1844 porque, então, consoante as profecias dos capítulos 8 e 9 de Daniel e 14 de Apocalipse, é que começou o juízo.

Notemos ainda, como esta mensagem do juízo é mundial. Leiamos agora em Apocalipse 14:6,7: «E vi outro anjo voar pelo meio do céu e tinha o evangelho eterno para o proclamar a todos quantos habitam na Terra, a toda a nação, e tribo, e língua e povo, dizendo com grande voz: teme a Deus e dai-Lhe glória porque é vinda a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar e as fontes das águas». Todas as nações é que constituem o campo para esta mensagem do terceiro anjo e o tempo da mesma vai do início do juízo até ao fim do tempo de provação. A segunda e terceira mensagem unem-se à mensagem do juízo e pouco depois a vinda do Senhor realiza-se, como lemos no versículo 14.

Por estas razões estamos vendo claramente que vivemos no tempo da mensagem derradeira vinda de Deus ao mundo, a tripla mensagem evangélica de Apocalipse 14:6-14. Eis agora o tempo para a mensagem e, ao mesmo tempo, verificamos que apareceu o povo para a proclamar. Aqui está esse povo levando a todo o mundo essa mensagem por meio do seu testemunho pessoal, pelo estudo da Bíblia, sermões, literatura, rádio e outros meios. Até que ponto já andou esta mensagem? Mais longe do que mesmo nós nem suspeitamos.

O visitante de um palácio ficou espantado ao ler no mostrador de um relógio de Sol colocado no jardim a seguinte frase: «É mais tarde do que pensas». Também é mais tarde do que vós pensais quando

não passará sem que estas coisas sejam cumpridas. Os céus e a Terra passarão mas as minhas palavras não hão-de passar».

Os sinais na Terra espessam-se à nossa volta. Uma inquietação vasta apoderou-se das mentes humanas. Um medo tão mundial carece de um remédio mundial. O evangelho a todos os povos nesta geração, eis o remédio. Uma grande apostasia da fé cristã se deu no cristianismo. Vai aumentando como realidade crescente e tremenda. Mas ao mesmo tempo aparece uma das maiores, senão a maior, evangelizações na história do mundo. Levantam-se graves oposições contra a mensagem de Deus e ao mesmo tempo apresentam-se as maiores oportunidades à sua pregação. Que deveremos nós fazer nestes últimos dias



Seminário Adventista — Panorama de vastos horizontes

mergulhados nos negócios deste barulhento mundo e no trabalho de Deus na Terra. Sim, é mais tarde do que julgamos. Os sinais no céu — escurecimento do Sol, avermelhamento da lua, queda das estrelas — tudo isso já passou. Pertencem à história. Consoante lemos em *Desejado dos Séculos*, pág. 632: «No fim da perseguição papal, Cristo declarou que o Sol escureceria e a lua não daria o seu esplendor. A seguir, as estrelas cairiam do céu. E acrescentou: «Aprende a parábola da figueira; quando os seus ramos são tenros e brota folhas, sabeis que o verão está próximo: da mesma forma, quando verdes todas estas coisas sabeis que Ele está próximo, mesmo às portas.» (S. Mateus 24:32,33).

Cristo deu sinais da Sua vinda. Declara que podemos conhecer quando Ele estiver próximo, mesmo às portas. Disse da geração que visse esses sinais: «Esta geração

da dispensação? Vamos ficar sentados ociosamente numa atitude de indiferentismo e observar como uma civilização gangrenada tomba nas trevas? Não é tal a vontade de Deus. Em S. Lucas 12:37 lemos: «Bem-aventurados aqueles servos a quem o Senhor, quando vier, encontrar vigiando».

Os que observam a vinda do Senhor não estão à espera na ociosidade. A expectativa da vinda de Cristo é para que os homens tenham respeito a Deus, aos Seus juízos a cair sobre as suas transgressões. É para os acordar a fim de não cometerem o grande pecado de rejeitar os Seus oferecimentos de misericórdia. Os que observam a vinda do Senhor, purificam as suas almas pela obediência da verdade. Combinam a essa vigilância cuidada um trabalho zeloso. Como sabem que o seu Senhor está às portas, o seu zelo é estimulado na cooperação com as inteligências

divinas no trabalho de salvação das almas... Estão a declarar a verdade que é especialmente aplicável nos tempos actuais. Como Enoque, Noé, Abraão e Moisés que declaravam a verdade para o tempo deles, assim os servos de Cristo dão agora o aviso especial para a sua geração.» (*Desejado dos Séculos*, pág. 634).

Vamos ler mais algumas citações da serva do Senhor:

«Tudo no mundo se agita. Os sinais dos tempos são ominosos. Já se vêem as sombras de acontecimentos futuros. O Espírito de Deus retira-se da Terra e calamidade segue a calamidade no mar e na terra. Presenciamos tempestades, terremotos, fogos, inundações e crimes de toda a espécie. Quem pode ler o futuro? Onde está a segurança? Em nada que seja humano ou terreno. Rápidamente se agrupam os homens sob a bandeira que escolheram. Sem descanso estão esperando e observando os movimentos dos seus condutores. Também há aqueles que aguardam, observam e trabalham para a vinda do Senhor. Outra classe de pessoas enfileiram sob a condução do pri-

meiro grande apóstata. Poucos acreditam de todo o seu coração e alma que temos um inferno a evitar e um céu a ganhar. A crise está a infiltrar-se lentamente em nós. O Sol brilha nos céus, rolando normalmente, e o firmamento ainda anuncia a glória de Deus. Ainda comem e bebem, plantam, constroem, casam-se e dão-se em casamento. Os comerciantes lá vão comprando e vendendo. Os homens guerreiam uns com os outros por causa dos mais elevados lugares. Os amantes de prazeres enchem os teatros, campos de corridas, infernos de jogatinas. Prevalece o mais alto excitação, contudo a hora da provação está terminando rapidamente e cada caso está prestes a ser decidido para a eternidade. Satanás vê que o seu tempo é curto. Ele pôs todas as suas agências ao trabalho para que os homens possam ser enganados, iludidos, ocupados, enredados até que o dia da prova passe e a porta da graça seja fechada para sempre. Solenemente, chega até nós através dos séculos as palavras de aviso do nosso Senhor, do Monte das Oliveiras: «Acautelai-vos e não

deixéis que os vossos corações se encham de gulotonarias, embriaguez e cuidados desta vida e aquele dia não venha sobre vós de improviso». «Vigiai, pois, e orai sem cessar para que sejais achados dignos de evitar todas as coisas que sobrevirão ao mundo e permanecer de pé perante o Filho do homem.» (*Ibidem*, pág. 636).

Ao chegar ao fim da leitura desta comunicação da Semana de Prece a nossa resposta à pergunta — «Que horas são?» — diremos: «É tarde, mesmo muito tarde, mas não é demasiado tarde para trabalhar na obra de Deus, não é demasiado tarde para reconsagrar os corações a Ele, não é demasiado tarde para nos darmos inteiramente ao Seu serviço e pedir-Lhe que nos mude e nos faça o que deveríamos ser.

Presados Irmãos, despertemos para esta hora em que vivemos e tomemos cuidado das nossas vidas. Procuremos Deus numa consagração renovada, hoje, a fim de podermos encontrar o nosso verdadeiro serviço em favor da Causa de Deus nas últimas horas da história do mundo.

Segunda-feira, 1 de Dezembro de 1947

Proclamando o Sábado mais intensamente

por A. G. STEWART

NESTA série de leituras especialmente preparadas para esta Semana da Prece, é chamada a atenção do professo povo de Deus para os sinais dos tempos em que vivemos e para a necessidade de uma cuidadosa revisão dos princípios fundamentais da nossa fé e de uma firme adesão aos mesmos.

Entre estes ensinamentos fundamentais, nenhum outro há tão importante e que mais nos distinga, que a observância do sétimo dia da semana, o Sábado do Deus criador. Indivíduo que se una à Igreja Adventista do Sétimo Dia, numa aceitação sincera dos preceitos da nossa fé, distinguir-se-á imediatamente de qualquer outro professo cristão.

Ainda mais importante do que isto, é o facto de que o conflito dos séculos será finalmente desenhado sobre o quarto mandamento do Decálogo e uma linha de separação existirá entre os que observam o sétimo dia e os que, pela observância do falso sábado, prestam homenagem ao grande poder apóstata e por fim receberão o seu sinal. Todos serão chamados a escolher qual dos lados ocupar, antes que desça o pano sobre o acto final deste drama solene do plano da salvação.

Em completa harmonia com todas as outras criaturas relacionadas, a mensagem do terceiro anjo que encontramos em Apoc. 14:9-11,

é um distinto aviso contra a adoração deste poder apóstata e a recepção do seu sinal na mão direita ou na frente.

Esta mensagem que já vem sendo anunciada ao mundo, num ritmo sempre crescente, desde 1844, terá muito em breve o fim da sua proclamação.

Depois da mensagem do primeiro e segundo anjos o profeta continua: «E seguiu-se o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão. Também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálix da Sua ira; e será atormentado com fogo

e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome».

Esta é uma das mais solenes declarações das escrituras, cuja proclamação resultará num peneiramento entre aqueles que se dizem ser o povo de Deus.

Daqueles que são leais às determinações de Deus, o profeta declara: «Eis aqui a paciência dos Santos; eis aqui os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.» (Apoc. 14:12).

Este povo será em breve arrebatado para o Reino dos Céus, como é claramente ensinado no capítulo 15, verso 2, onde João diz: «E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus».

A palavra profética anuncia que a outra classe, os que aceitam o falso ensino do poder apóstata e recebem o seu sinal e o número do seu nome, «serão atormentados com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro; e o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia, nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome».

Aqueles que obtiveram a vitória sobre este poder apóstata, não somente permanecerão no mar de vidro, mas, como a seguir se lê, cantarão «o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos Santos».

É como resultado da proclamação fiel da mensagem do terceiro anjo, que este grupo de santos se apresenta preparado para ser trasladado para o reino dos céus. Encontram-se hoje espalhados por todo o mundo, aqueles de quem, em verdade, se dirá: «Eis aqui os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus».

O tempo para a proclamação da mensagem do terceiro anjo e o seu objectivo

Falando acerca da mensagem do terceiro anjo, a serva do Senhor

escreveu nos seus *Primeiros Escritos*, págs. 254-256: «quando Jesus terminou o Seu ministério no lugar santo e passou ao lugar santíssimo, permanecendo diante da arca que continha a lei de Deus, enviou ao mundo outro anjo poderoso trazendo consigo a terceira mensagem. Um manuscrito foi posto nas mãos do anjo e, enquanto descia para a Terra em poder e majestade, proclamava um solene aviso com a mais terrível ameaça que os homens jamais haviam ouvido. Esta mensagem tinha como fim, pôr de sobreaviso os filhos de Deus, mostrando-lhes que a hora de angústia e tentação estava diante deles. Disse o anjo: «Eles terão que suportar uma luta difícil contra a besta e sua imagem. A sua única esperança para obterem a vida eterna é permanecerem firmes. Se bem que suas vidas estejam em perigo, eles devem manter-se firmes à verdade». O terceiro anjo termina assim a sua mensagem: «Eis aqui a paciência dos Santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». Ao repetir estas palavras, apontou para o santuário celestial... Depois Jesus abriu a porta do lugar santíssimo, e viu-se o quarto mandamento aureolado por uma intensa luz, e o povo de Deus foi posto à prova, como o haviam também já sido os filhos de Deus do passado, para ver se guardavam a Lei de Deus...»

Foi-me mostrado que os remanescentes seguiram Jesus ao lugar santíssimo, e contemplaram a arca e o assento da Sua misericórdia, tendo ficado encantados com a sua glória. Jesus levantou a cobertura da arca e puderam ver as tábuas de pedra que tinham escritos os dez mandamentos. Então inclinaram-se para olhar os preceitos divinos, mas recuaram temerosos quando viram, entre os dez santos preceitos, o quarto mandamento brilhando mais intensamente que os outros nove e cercado por uma auréola de glória. Não encontraram ali qualquer indício de que houvesse o Sábado sido abolido ou transferido para o primeiro dia da semana. Este mandamento aparecia tal como havia sido pronunciado por Deus, com solene grandiosa reverência, no Monte do Sinai, enquanto relâmpagos e trovões faziam estremecer a Terra; tal como Deus o havia escrito, com o Seu próprio dedo, sobre as tábuas de pedra. «Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor, teu Deus». Eles ficaram profundamente impressio-

nados ao constatarem o cuidado dispensado aos dez mandamentos. Viram-nos colocados junto de Jeová, à sombra e protecção de Sua santidade. Constataram que haviam calcado o quarto mandamento do decálogo e que tinham apenas observado um dia imposto pelos pagãos e papistas, em vez do verdadeiro dia santificado por Deus. Humilharam-se então perante Deus e choraram as suas transgressões do passado».

«Vi o fumo de incenso que subia do incensário, quando Jesus oferecia ao Pai as suas confissões e súplicas. Enquanto o incenso subia, uma luz brilhante repousou sobre Jesus e sobre o assento da Sua misericórdia; e os que oravam, perturbados porque se reconheciam transgressores da Lei de Deus, foram abençoados e as suas faces iluminaram-se com esperança e gozo. Juntaram-se então para trabalhar na obra da mensagem do terceiro anjo e elevaram as suas vozes para proclamar o solene aviso. Se bem que a princípio poucos lhes dessem ouvidos, eles continuaram a proclamar a mensagem com energia e fervor. Vi então que muitos aceitavam esta mensagem do terceiro anjo e uniam as suas vozes às dos que primeiramente lhes haviam proclamado o aviso, honrando a Deus, pela observância do Seu dia de repouso santificado».

O estudo do grande período profético dos 2.300 dias delineado no livro de Daniel, mostra claramente que o dia da purificação começou nos céus no ano de 1844, quando o nosso Sumo-sacerdote passou para o lugar santíssimo. Por isso a mensagem do terceiro anjo vem já sendo anunciada há mais de cem anos. Durante quanto tempo será ainda proclamada? A revelação diz-nos: «Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas Seus servos.» (Apoc. 10:7).

A pregação da mensagem do terceiro anjo deve ser apresada

No primeiro versículo do capítulo dezoito do Apocalipse, a mensagem do terceiro anjo é ilustrada de uma maneira enfática. João diz: «E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a Terra foi iluminada com a sua glória». Comentando esta mensagem, a mensageira do Senhor diz: «Vi anjos correndo de um lado para o outro no céu, descendo à

Terra e tornando a subir ao céu, preparando tudo para o cumprimento de tão importante acontecimento. Vi então outro anjo poderoso encarregado para descer à terra, que uniu a sua voz à do terceiro anjo, e deu poder e força a esta mensagem. Grande poder e glória foram dados a esse anjo e, enquanto ele descia, a Terra foi iluminada com a sua glória... A tarefa deste anjo vem juntar-se, no tempo oportuno, à última poderosa obra da proclamação da mensagem do terceiro anjo, e vai crescendo até chegar a um alto clamor. E o povo de Deus é assim preparado para permanecer firme na hora da tentação que deve enfrentar muito em breve. Vi então uma luz repousar sobre os filhos de Deus que se uniram para proclamar corajosamente a mensagem do terceiro anjo.» *Early Writings*, pág. 277.

Do texto acima lido torna-se evidente que, antes do fim, deverá haver uma notável ressurreição da mensagem de reforma do Sábado, resultando daí tornar-se este mais amplamente reconhecido como o dia de descanso do Eterno Deus e memorial do Seu majestoso poder. Este aumento de luz e poder será dado dos céus e fortalecerá o povo de Deus para proclamar a mensagem do terceiro anjo, dando um poderoso impulso ao ministério dos filhos de Deus.

O Sábado deverá ser proclamado mais intensamente

Numa das primeiras visões dadas à Irmã White, Deus graciosamente mostrou-lhe a parte mais íntima do santuário celeste, incluindo a arca e os seus conteúdos sagrados. Ao relatar esta experiência, ela diz: «Encontravam-se na arca, o pote de ouro do maná, a vara de Aarão

que refloria e as tábuas de pedra que se fechavam como um livro. Jesus abriu-as e vi os dez mandamentos que Deus nelas havia escrito com o Seu próprio dedo. Numa das tábuas estavam quatro e na outra os restantes seis. Os quatro mandamentos que estavam escritos na primeira tábua brilhavam mais intensamente que os outros seis. Mas o quarto, o mandamento do Sábado, superava em resplendor todos os outros; porque o Sábado foi posto à parte, como um dia especial, para ser guardado em honra do nome Santo de Deus. O Santo Sábado apresenta-se com um aspecto glorioso — cercava-o uma auréola de resplandecente glória. Vi que o mandamento do Sábado não havia sido abolido na cruz. Se assim fosse, também o haveriam sido os restantes nove mandamentos e nós estaríamos livres para transgredir igualmente qualquer deles, incluindo o Sábado. Vi que o Santo Sábado é e será sempre a parede de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos; e que será também o grande elo que unirá a Deus os corações dos Santos. Vi que Deus tinha filhos que desconheciam a verdade do Sábado. Eles não haviam rejeitado a luz sobre o mesmo e no começo do tempo de tribulação, nós fomos cheios do Espírito Santo e avançamos proclamando o Sábado mais intensamente.» (*Early Writings*, págs. 32-33).

Devemos notar ainda que este tempo de tribulação é descrito mais especificamente numa explicação que encontramos na página 85 deste mesmo livro, onde podemos ler: «O começo do tempo de tribulação, aqui mencionado, não se refere ao tempo em que as pragas começaram a cair, mas a um curto espaço de tempo pouco antes que sejam

derramadas, enquanto Cristo está ainda no Santuário. Naquele tempo, enquanto a obra da salvação está a terminar, sobrevirão tribulações sobre a Terra e as nações se enfurecerão, sendo, contudo, mantidas em respeito para evitar que se oponham à obra do terceiro anjo. Naquele tempo será derramada a chuva serôdia, com a presença do Senhor, para dar maior poder à voz do terceiro anjo e preparar os santos para suportarem o período do derramamento das sete pragas».

Estamos certamente chegados ao tempo em que as nações estão sendo mantidas em respeito para evitar que se oponham à obra do terceiro anjo. E é chegado o tempo da chuva serôdia para dar poder a esta proclamação da mensagem.

Não queremos nós fazer desta semana de prece um período de fervorosa oração para que estas bênçãos sejam derramadas sobre nós?

«Clama em alta voz, não te detenhas»

Numa breve revisão da instituição do Sábado voltamos a consultar os escritos da nossa Irmã White. «Santificado pelo descanso e bênção do Criador, o Sábado foi guardado por Adão durante o seu estado de pureza no Jardim do Éden, e continuou a ser guardado por ele mesmo depois da sua queda. Foi também guardado por todos os patriarcas, desde Abel até ao justo Noé, a Abraão e Jacob. Quando o povo escolhido se encontrava escravizado pelos egípcios, muitos perderam, no meio da idolatria, o seu conhecimento da lei de Deus; mas quando o Senhor libertou Israel, Ele proclamou a Sua lei com grande solenidade ao povo reunido no monte do Sinai, para que conhecessem a Sua vontade e O temessem e lh'E obedecessem para sempre».

«Desde então até aos nossos dias, o conhecimento da lei de Deus tem-se mantido sempre sobre a Terra, e tem-se guardado sempre o Sábado do quarto mandamento. Se bem que o «homem do pecado» tenha, com êxito, calcado debaixo dos seus pés o dia santo de Deus, contudo, ainda mesmo no período áureo da sua supremacia, houve sempre almas fiéis que, escondidas em lugares ocultos, continuaram a honrar o verdadeiro Sábado. Desde a reforma têm existido sempre alguns que, em todas as gerações, mantiveram na Terra a sua observância. Ainda que, muitas vezes, no meio de



Congregação de Ponta Delgada — Assistência a uma reunião do M. V.

difficultades e perseguições, um constante testemunho tem sido dado a comprovar a perpetuidade da lei de Deus, e a obrigação sagrada que devemos ao Sábado da criação. Estas verdades são apresentadas em Apocalipse 14, em relação com o «evangelho eterno», que distinguirá a igreja de Cristo no tempo do Seu aparecimento.» (*Great Controversy*, pág. 453).

Por isso, Irmãos, torna-se necessário que façamos a nossa parte, proclamando com voz firme, o chamado de Deus aos Seus fiéis seguidores que se acham espalhados pelas diversas igrejas, dizendo: «Sai dela, povo meu». Pela palavra do profeta Isaías somos admoestados: «Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacob os seus pecados». A promessa é: «E os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarão os fundamentos de geração em geração; e chamar-te-ão reparador das roturas, e restaurador de veredas para morar (Isaías 58:1,12).

«A mensagem de Apocalipse 14 é aquela que devemos levar ao mundo. É o pão da vida para estes últimos dias. Milhões de seres humanos estão perecendo na ignorância e no pecado, mas muitos daqueles a quem Deus deu as chaves dos celeiros da vida olham com indiferença para as almas que perecem. Muitos esquecem-se que a eles lhe foi dado o pão da vida, para que o ofereçam aos que estão perecendo sem salvação.» (*Testemunhos*, vol. VIII, pág. 27).

Em virtude deste solene aviso, que nos é dado através das Escrituras e do Espírito de Deus, devia cada adventista do sétimo dia fazer um exame das suas próprias relações com o Senhor e da forma como Ele deseja que o Sábado seja observado. O nosso exemplo, a este respeito, deveria ser de forma que outros se sentissem inspirados a tomar uma pequena parte nesta solene obrigação.

Então devíamos todos esforçar-nos diligentemente para que esta verdade se torne conhecida dos nossos amigos e vizinhos. Pelo testemunho pessoal e pelo uso discreto de literatura, deveríamos tornar-nos um corpo missionário, não somente no lar mas também fora dele.

Durante esta segunda Grande Guerra mundial, uma grande parte daqueles que se achavam mobilizados pelos exércitos das várias nações, vieram ao conhecimento da

verdade do Sábado pelo testemunho fiel dos jovens adventistas de ambos os sexos que se achavam também incorporados nos mesmos exércitos e que haviam tomado a decisão inabalável de continuar a observar os preceitos de Deus. Jamais poderemos saber nesta vida o verdadeiro valor de tais testemunhos. A determinação destes jovens em se reunirem ao Sábado, onde quer que se encontrassem, ainda mesmo nas mais adversas circunstâncias, foi um poderoso testemunho do poder santificador da observância desse santo dia.

Recordo-me agora daquele pequeno grupo de rapazes, nativos da Nova Guiné, que haviam sido mobilizados como carregadores de um regimento do exército americano. Numa sexta-feira à tarde, alcançaram eles o cimo de um monte quando o Sol estava prestes a pôr-se. O rapaz que seguia à frente parou, voltou-se para trás e pousou no terreno a sua carga, sendo imitado pelos seus companheiros. Imediatamente se aproximou o oficial para lhe perguntar o que significava aquilo. Apontando então para o Ocidente, o rapaz respondeu no seu inglês defeituoso: «Patrão, o Sol está-se a pôr, este dia pertence a Deus. Devemos cessar o nosso trabalho». Esta resposta irritou sobremaneira o oficial, que quis obrigá-los a continuar a marcha, mas aquele jovem era inabalável e repetiu a mesma resposta: «Patrão, o Sol está-se a pôr, este dia pertence a Deus. Devemos cessar o nosso trabalho». E este grupo do exército americano não teve outro remédio senão permanecer ali, com estes fiéis rapazes, durante as horas do santo Sábado e, só depois que este terminou, recomeçaram a sua marcha. Quão profunda impressão deve ter causado entre aqueles soldados um tal acto de lealdade!

«As mais solenes verdades jamais confiadas a mortais foram-nos entregues para que as proclamemos ao mundo. A proclamação destas verdades deve ser a nossa principal tarefa. O mundo deve ser avisado e o povo de Deus deve ser um fiel dispenseiro da obra a ele confiada.» (*Testemunhos*, vol. IX, pág. 19).

Uma experiência maravilhosa, pela qual ainda não passámos, é aguardada pela igreja remanescente. Essa experiência é algo acerca do que já temos falado e orado, mas cuja grandiosidade ainda não conseguimos compreender em toda a sua extensão. É uma obra de extensão mundial e poder sem igual. É o derramamento do Espírito Santo,

no tempo da chuva serôdia, que irá amadurecer a seara do mundo. O profeta Joel diz: «E vós, filhos de Sião, regozijai-vos e alegrai-vos no Senhor vosso Deus, porque Ele... fará descer a chuva, a temporã e a serôdia...» (Joel 2:23).

É como resultado disto, é-nos dito pela serva do Senhor: «Servos de Deus, com suas faces iluminadas e brilhando de santa consagração, correrão de um lado para o outro proclamando a mensagem dos céus. Milhares de vozes darão por toda a Terra o solene aviso. Dar-se-ão milagres, os doentes serão curados e sinais e maravilhas acompanharão os crentes...»

«A mensagem será levada não tanto pelo argumento, como pela profunda convicção operada pelo Espírito de Deus. Os argumentos foram já apresentados. Lançou-se já a semente e agora ela brotará e dará os seus frutos. As publicações que foram distribuídas, têm exercido a sua influência, contudo, muitos, cujas mentes ficaram impressionadas pela sua leitura, foram impedidos de compreender perfeitamente a verdade e de lhe prestar obediência. Agora os raios da verdadeira luz penetram por toda a parte, a verdade é vista com clareza, e os sinceros filhos de Deus quebrarão as cadeias com que têm estado presos. As ligações familiares e as relações das igrejas serão agora impotentes para os reter. A verdade é, para eles, mais preciosa do que tudo. Apesar dos esforços feitos pelas agências do mal contra a verdade, um grande número toma o seu lugar do lado do Senhor.» (*Great Controversy*, pág. 612).

Possa o Senhor dar-nos graça e zelo para que nos esforcemos por achar esta maravilhosa revelação do Seu poder. Que se faça a Sua vontade na Terra e o Seu eterno Sábado seja proclamado mais intensamente para que assim se apresse a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.



Grupo de Irmãos de Angra — 1947

Como manter uma experiência cristã?

por F. G. CLIFFORD

«TEM cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.» (I Tim. 4:16). Esta admoestação, que o Apóstolo Paulo deu a Timóteo, tem uma vasta e profunda importância para cada cristão. Ela foi escrita num tempo solene e agitado. Alguns dos velhos chefes da igreja primitiva tinham descido já à sepultura. A apostasia começava a infiltrar-se na comunidade dos crentes e uma maior medida de responsabilidade repousava sobre os ombros de uma geração de jovens, mais nova, da qual Timóteo era um representante.

Como podia Timóteo estar preparado para medir a sua responsabilidade? Como podia ele defrontar com êxito os ensinamentos errôneos que começavam a infiltrar-se na igreja? Como podia ele resistir à influência insidiosa das ideias terrenas e às subtis sugestões para pactuar com elas? Paulo dá-nos a resposta no versículo acima citado. «Tem cuidado de ti mesmo». Todo o cristão deveria dispensar uma especial atenção à sua própria experiência cristã. No texto encontramos ainda o conselho para termos cuidado com a doutrina. Não há dúvida alguma que é importantíssimo estarmos relacionados com a sã doutrina. Mas é ainda mais importante sabermos como vão as nossas relações pessoais com Deus. Se bem que nos encontremos muito afastados de Timóteo, em questão de tempo, já o mesmo não acontece em relação às condições em que vivemos. Encontramo-nos presentemente afastados — pelo menos o tempo normal de uma vida — dos dias dos pioneiros da mensagem do Advento. Uma tendência insidiosa para o mundanismo está desviando os nossos passos do bom caminho e as subtis sugestões para pactuar com o mundo são agora mais poderosas do que nós pensamos. Existe o perigo real de que se perca de vista a herança de uma

vida piedosa e de um devoto serviço para Cristo.

Temos hoje urgente necessidade da admoestação: «Tem cuidado de ti mesmo». Tal admoestação deve ser ouvida por todos os crentes. Supondo que nesta reunião se interrompia esta leitura e que se dava aos crentes, aqui presentes, a oportunidade de passar alguns momentos em profundo exame de consciência. Qual seria o resultado, se considerássemos onde nos conduz o caminho em que andamos? Não descobriríamos nós que as nossas vidas estão grandemente, senão quase inteiramente, sobrecarregadas com os cuidados da vida, com pensamentos egoístas e que quase nem nos lembramos de Deus? Não chegaríamos nós à conclusão que, à medida que os anos passam, aumenta continuamente o tempo, energias e dinheiro que dispêndemos para satisfazer as nossas próprias necessidades e confortos? Não faríamos bem em perguntar a nós mesmos: Dedico eu suficiente tempo, dinheiro e atenção às coisas do reino de Deus, das quais depende completamente a minha salvação? É a minha vida de oração satisfatória? Tenho eu prazer em estudar a Bíblia? Quais os resultados do meu serviço para Cristo? É harmoniosa a minha associação com os irmãos?

Todas estas perguntas têm uma importância vital para o estado da nossa experiência pessoal. Será altamente proveitoso que meditemos nelas e procuremos achar a sua resposta. Nós compreendemos, sem dúvida, que, se queremos ser salvos para o reino de Deus, temos urgente necessidade de obedecer à admoestação: «Tem cuidado de ti mesmo».

A nossa salvação individual é uma mensagem para os outros

Estou certo que todos concordamos que temos apenas um curto

espaço de tempo para nos prepararmos para a vinda do Senhor. Como um povo escolhido por Deus, não somente procuramos obter o galardão eterno para nós mesmos, como, devemos também esforçar-nos por reunir todos aqueles que, dentre todos os povos, nações e línguas, respondam ao apelo do Criador. Isto quer dizer que, enquanto fazemos a nossa preparação pessoal para a vinda do Senhor, devemos achar forma de levar ao mundo inteiro esta mensagem.

De vez em quando ouvimos dizer que este ou aquele método seriam de muita eficiência para a terminação da obra. Cremos, contudo, e com razão, que a obra das publicações fará uma grande parte desse trabalho. Acreditamos que a obra médica operará ainda, mesmo quando outras agências forem forçadas a parar. O departamento missionário do lar, terá também um papel importante quando «centenas e milhares se dedicarem ao trabalho de visitar famílias e abrir diante delas a palavra de Deus.» (*Testemunhos*, vol. XI, pág. 126).

Seria descabida uma nota de aviso em como corremos o perigo de delegar o acabamento da obra a estas agências organizadas por Deus e pensar nelas como se fossem instrumentos impessoais para serviço?

A solene verdade é que, o êxito de todas essas agências, depende da medida em que Deus operar através de indivíduos consagrados. Essa operação é descrita em Romanos 9:28. «Porque o Senhor executará a Sua palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a.»

Esta mensagem consoladora deveria ser pregada de cada púlpito adventista. Deveria ser segredada ao ouvido de cada crente. Deveria ser ponderada e aceita por cada filho de Deus.

Os métodos divinos são métodos combinados. Cuidando de nós mesmos, não somente nos salvaremos, a nós, como também aos que nos

ouvem. As vidas justas dos filhos de Deus, serão um testemunho poderoso em favor da verdade, mais prático e convincente que qualquer outro meio para a pregação da mesma. Todas as outras actividades da igreja podem ser impedidas, mas nenhuma lei poderá evitar que o povo do Senhor viva de tal maneira uma vida piedosa que transmita a outros a sua crença e a sua esperança. Esta «justiça» que apresentará e abreviará o fim está completamente descrita na epístola aos Romanos. É a justiça imputada. «Assim também David declara bem-aventurado o homem a quem Deus atribui a justiça.» (Rom. 4:6).

Esta é a justiça de Deus. «Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus.» (Rom. 10:3).

Esta justiça é o fruto da obediência. Diz Paulo: «Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?» (Rom. 6:16).

É pela fé que se obtém esta justiça. Eis o que se lê em Romanos 4:13. «Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé. E ainda: «Visto que com o coração se crê para a justiça e com a boca se faz confissão para a salvação.» (Rom. 10:10).

Esta justiça não é propriamente nossa — pertence a Cristo. E é pela Sua justiça que somos tornados justos. Foi a Sua vida de inteira obediência a Deus que nos deu tal bênção. «Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de Um muitos serão feitos justos.» (Rom. 5:19).

«Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus.» (II Cor. 5:21). E, se nós vivermos e andarmos diariamente com Jesus, Ele tornar-nos-á para o mundo uma revelação do Seu carácter.

A vida santificada

Temos que, para muitos de nós, não baste apenas mantermos a nossa presente experiência cristã. É necessário que esta se torne mais profunda, mais viva e eficaz. Diz-nos a serva do Senhor: «Há velhas verdades que devem ainda ser acrescentadas aos tesouros do

nosso conhecimento sob um novo aspecto. Nós não as compreendemos, porque não exercemos fé como devíamos. Cristo fez ricas promessas quanto ao derramamento do Espírito Santo sobre a Sua igreja e, contudo, quão pouco apreciadas são tais promessas! Nós não somos chamados a adorar ou servir a Deus pelo uso dos mesmos meios empregues nos primeiros dias. Deus requer hoje do Seu povo serviços mais importantes que nunca. Ele quer aumentar as dádivas celestes e por isso colocou-nos numa posição, em que necessitamos de coisas melhores e mais elevadas, como jamais foram precisas.» (*Review and Herald*, Fev., 25, 1890).

Encontramo-nos hoje na posição de que fala a serva do Senhor. Temos necessidade de uma vida pura e de um contínuo serviço de santificação, até que o testemunho de Deus fique acima de toda a objecção.

Deus diz: «E também lhes dei os Meus Sábados, para que servissem de sinal entre Mim e eles; para que eles soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica.» (Ezeq. 20:12). A guarda do Sábado e a santificação estarão inseparável e intimamente relacionadas, como jamais se pensou, quer na igreja, quer no mundo. Pelo estudo das Escrituras e do Espírito de profecia, sabemos que, num próximo futuro, os que guardam o Sábado serão um povo distinto. Os olhos do mundo estarão postos sobre nós. Viveremos então à luz da publicidade. Cada aspecto da nossa vida e do nosso ensino será cuidadosamente investigado. Milhões terão tomado já a sua eterna decisão contra a verdade, ao passo que grande número permanecerá indeciso. Alguns ainda não terão ouvido a mensagem. À luz potente da publicidade mundial todos os homens terão oportunidade de apreciar o verdadeiro valor do nosso ensino. Produzirá esse ensino verdadeiros cristãos? Suportará o mesmo o terrível embate com o criticismo hostil e a perseguição? Firmar-se-á ele, provando o seu valor num mundo avassalado pelas guerras impiedosas, pelas lutas raciais e a luta de classes, e o aniquilamento da civilização?

Graças a Deus, este ensino suportará todas as provas.

Por todo o mundo os raios de luz de uma publicidade impiedosa, transformar-se-ão num poderoso auxílio para o povo, que permanece paciente, piedoso e sem mancha. «Aqui está a paciência dos santos;

aquí estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.» (Apoc. 14:12). Aqueles a que este texto se refere, serão observadores do Sábado e serão semelhantes a Jesus na fé e na doutrina. Por toda a parte almas honestas observarão os remanescentes e depressa decidirão tomar lugar nas suas fileiras. O Deus do Sábado revelar-se-á num povo santificado e a Sua obra será abreviada.

Desenvolvamos agora a nossa experiência

Há uma urgente necessidade de que dêmos especial atenção ao desenvolvimento de uma experiência cristã mais completa, mais profunda, mais rica, até que cheguemos a caminhar com Deus, como Enoque fazia antes da sua transladação. Isto só se poderá conseguir pela graça auxiliadora que Jesus nos oferece. Através do estudo da sua palavra, podemos aprender muito acerca do nosso bendito Senhor.

«Assim como mantemos a vida física pelo alimento, deveríamos manter a vida espiritual pela palavra de Deus. Cada alma deve receber o seu alimento espiritual pela leitura da Bíblia. Assim como precisamos de comer, por nós próprios, para nos alimentarmos, igualmente devemos, por nós mesmos, obter o alimento espiritual. Não o devemos obter somente por intermédio dos outros. Devemos estudar cuidadosamente a Bíblia, e pedir a Deus o auxílio do Seu espírito para compreendermos a Sua palavra. Deveríamos tomar um versículo e concentrar a nossa mente na tarefa de descobrir o pensamento, que Deus ali colocou para nós. Deveríamos meditar nesse pensamento até que ele se tornasse nosso e soubéssemos assim o que o Senhor deseja de nós.» (*Desejado dos Séculos*, pág. 390).

Nós podemos falar com Deus pela oração, pela oração verdadeira, e não pelo simples articular de orações. Pela comunidade de oração podemos fortalecer as nossas almas e manter e desenvolver a nossa experiência. No livro *Aos Pés de Cristo*, lemos: «O nosso Pai celestial aguarda o momento propício para derramar sobre nós a plenitude da sua bênção. É nosso privilégio satisfazer a sede das nossas almas, na fonte do amor infinito do Criador. É de admirar que oremos tão pouco! Deus está pronto e desejoso por ouvir a oração sincera dos Seus humildes filhos; contudo há da nossa parte manifesta relu-

tância em tornarmos conhecidas de Deus as nossas necessidades. Que poderão os anjos celestes pensar dos pobres e desamparados seres humanos, que estão sujeitos à tentação, quando o infinito amor de Deus se compadece deles, estando pronto a dar-lhes mais do que eles podem pedir ou pensar, e, contudo, oram tão pouco e têm tão pouca fé? Os anjos sentem prazer em se curvar diante de Deus e em estar na sua presença. Encaram a comunhão com Deus como o seu maior prazer, ao passo que, os filhos da Terra, que necessitam muito mais do seu auxílio, parecem satisfeitos em caminhar sem a luz do Seu Espírito e a companhia da sua presença... Devemos orar no círculo familiar, mas não devemos negligenciar a oração secreta, porque esta é a vida da alma. A alma não pode florescer espiritualmente, enquanto a oração for negligenciada. Não basta que oremos em família ou em público. Na solidão permiti que a alma se abra perante Deus. A oração secreta deve ser ouvida somente por Deus. Nenhum ouvido curioso deve ouvir tais petições. Na oração secreta a alma liberta-se das influências do meio e dos excitações do exterior. Calmamente, contudo fervorosamente, deve a mesma subir até Deus. Uma doce influência emanará d'Aquele que vê em secreto, cujo ouvido está atento para ouvir a oração que sobe do coração. Pela calma e fé simples, assegura-se a alma da comunhão com Deus e colhe para si mesma raios da divina luz, para a fortalecer e manter firme no conflito contra Satanás».

Podemos associar-nos com Deus pelo serviço abnegado em favor dos outros. O crescimento espiritual, que daí resulta, é claramente apresentado pela serva do Senhor, no seu livro *Aos Pés de Cristo*, página 122 da versão portuguesa.

«O abnegado serviço em favor do próximo dá ao carácter profundidade e estabilidade. Algo da sublime doçura de Jesus comunicará à alma a paz e a felicidade. As aspirações serão enobrecidas. Não haverá lugar para a ociosidade e o egoísmo. Os que exercitam as graças cristãs hão-de crescer e tornar-se fortes para o trabalho de Deus. Terão uma clara visão espiritual, uma fé firme e crescente, e um poder cada vez maior na oração. A operação do Espírito de Deus despertará as sagradas harmonias da alma, em resposta ao contacto divino. Os que assim se dedicam desinteressadamente ao serviço pelo seu semelhante, trabalham eficazmente para a sua própria salvação».

Nós podemos adorar na companhia de Jesus, quando reunidos com os santos, porque assim o prometeu nosso Senhor. «Porque onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estarei no meio deles.» (Mat. 18:20). É-nos dito da importância do culto público. «Alguns, temendo sofrer prejuízos nos seus tesouros terrestres, negligenciam orar e reunir-se para adorar a Deus, arranjando assim mais tempo livre para dedicar aos seus trabalhos e negócios. As suas obras revelam aquilo que é para eles de mais elevada estima neste mundo.

Sacrificam os privilégios religiosos, tão essenciais para o seu desenvolvimento espiritual, pelas coisas desta vida, deixando assim de obter um perfeito conhecimento da vontade divina.

Tais pessoas que assim têm em pouco valor o aperfeiçoamento do carácter cristão, nunca alcançarão a sua estatura perfeita perante Deus.» (*Testemunhos*, vol. II, pág. 654).

No volume seis dos *Testemunhos* também podemos ler: «A Igreja de Deus aqui na Terra é uma com a igreja de Deus que está nos céus. Os crentes terrestres e os seres celestiais, que nunca caíram do seu estado de pureza, constituem uma só igreja. Cada ser celeste está interessado nas reuniões dos santos, que sobre a Terra se associam para adorar a Deus... Quando a palavra da vida vos é pregada, que uma sincera resposta testifique que recebeis essa mensagem como vinda directamente dos céus. Eu sei que tudo isto passou de moda; mas será uma oferta de gratidão a Deus, pelo pão da vida dado à alma faminta. Esta resposta à inspiração do Santo Espírito, fortalecerá a vossa própria alma e encorajará outros.» (Idem, páginas 366-367).

À medida que aprendermos mais de nosso Senhor, conversarmos e convivermos com Ele e adorarmos com Ele, acharemos n'Ele a nossa vitória contra o pecado, que tão comodamente nos rodeia e antes que venha apresentá-l'Os-emos mais perfeitamente e tornar-nos-emos semelhantes a Ele, quando se manifestar na Sua vinda.

(*Continua*)

No momento em que escrevemos estas linhas, 10 de Agosto, a Campanha está a terminar em Setúbal, Portalegre, Tomar e Coimbra. Como, porém, há um bom excesso, noutras Igrejas, podemos desde já dizer que a grande campanha está feita com êxito. De resto, as Igrejas apontadas estão traba-

A Campanha das Missões de 1947

lhando de tal maneira que dão toda a esperança de alcançar os seus alvos. Este ano, além de ajudas valiosas de muitas pessoas bem treinadas neste importante trabalho e de alunas do Seminário, tivemos uma esplêndida auxiliar na pessoa da Irmã Ester Santos, de Lisboa, e da Irmã Maria José Montês que ainda agora estão nesse trabalho.

A todos muito obrigado, pelo bom espírito de colaboração.

Com todo o prazer

CONTINUAREMOS a análise aos folhetos fornecidos pelo representante dos Davidianos, nosso Irmão em Cristo M. Nóbrega, ex-pastor Adventista nos Estados Unidos. O nosso intento é apontar os pontos fracos dos mesmos e poupar assim algum trabalho e perda de tempo a todos quantos os tenham recebido. Como dissemos no número anterior da *Revista Adventista*, nenhum adventista é molestado no nosso meio pelo exame das doutrinas de qualquer agrupamento fora da nossa Igreja. Avisamos, porém, que os Davidianos se gabam que muita gente, considerada como fiéis adventistas, estão recebendo esses folhetos; tudo isso contribui apenas para «americano ver»... e mandar dinheiro para continuar a tradução e publicação dos folhetos. Se não lêem com atenção e não estão dispostos a rebater as afirmações erradas dos mesmos, é da caridade cristã devolvê-los à procedência e não estar a criar ilusões aos Davidianos.

FOLHETO N.º 12 → «Os representantes das quatro classes de Santos»

Resumo da leitura: Pretende dividir os crentes de todos os tempos em quatro classes: 1.ª classe, os 144.000 israelitas. São esses 144.000 israelitas de carne, osso e crença. Perguntei ao nosso Davidiano se ele pertencia aos 144.000 e respondeu-me logo que sim. Mas o Irmão não é judeu de sangue, pois não? Respondeu-me logo: «E quem sabe se eu não sou judeu de sangue?» Sofisma engraçadíssimo: para ser dos 144.000 é preciso ser judeu de raça; ora eu pretendo ser desse número, logo sou judeu, mesmo que não tenha provas disso. E, mais ainda, têm de usar capa à moda de Elias. Estão vivos à vinda de Jesus.
Os da 2.ª classe são os componentes «daquela grande multidão», que não são israelitas de sangue. Também não morrerão sem ver vir o Senhor. Usam palmas e não têm capa.
Os da 3.ª classe são os mártires desde os dias de Abel.
Os da 4.ª classe são os crentes mortos em todos os tempos e que ressuscitarão quando Cristo vier.

Crítica: Está bem imaginado. Mas quanto a doutrina, vai cair na que nós já sabíamos: crentes vivos e crentes mortos, quando Cristo vier. Uns trasladados e outros ressuscitados. É que o autor conclui na 18.ª pergunta: «Em quantas classes principais se pode ainda resumir estas quatro?» Resposta: «Em duas grandes classes: a dos vivos e a dos mortos, de que nos fala o Apóstolo S. Paulo em I aos Tess. 4:16-17». Com franqueza (...) Tanta palavra, para chegarmos ao que já sabíamos. Em resumo: os filhos de Deus agrupados, assim à laia de escola de instrução primária, em quatro classes, sem o exame de admissão ao liceu. O que pode a imaginação!

FOLHETO N.º 13 → «As quatro classes de Santos»

Resumo da leitura: O mesmo que o número anterior. Aqui, porém, o autor avança mais um pouco — aponta os fardamentos de cada classe. (Ver pergunta n.º 8). Baseia-se no Espírito de Profecia.

Crítica: Não nos parece que o Espírito de Profecia possa servir para basear tais imaginações: «Não devemos calcular as condições da vida futura pelas desta vida... Assuntos de importância vital são revelados na Palavra de Deus.» (G. W., pág. 311). Ora essa questão de uniformes diferentes nem está na Bíblia nem passa de uma simples aplicação das coisas terrenas à vida eterna. Uniformes no céu? Valha-nos Deus com a sua misericordiosa luz. Então voltamos às paradas militares e dos partidos? A Irmã White viu os uniformes? Pois nós pensávamos que ela viu «visões». Se viu uniformes também S. João viu, no céu, cavalos, bestas feras, prostitutas, coisas estas que só um demente podia acreditar que elas existam na mansão celestial. Quem gostar pode aceitar. Não necessita, porém, de sair do Adventismo por essa questão de uniformes. Procure apenas pertencer à classe cujo uniforme seja mais do seu gosto.

FOLHETO N.º 14 → «O carro que transportará os Santos»

Resumo da leitura: Como o título indica e porque Elias foi arrebatado num carro de fogo, conclui o autor que todos os filhos de Deus serão arrebatados num carro de fogo. Não faltam citações da Irmã White para provar que, de facto, Deus anda em carro, Jesus foi de carro para o céu e que, por isso, todos andaremos de carro.

Crítica: Não há uma só citação da Bíblia onde leiamos que Jesus foi arrebatado nas nuvens que tinham a forma de carro de fogo. Sabemos que foi arrebatado numa nuvem especial formada de anjos. Achamos muito esquisito que os anjos se pusessem em posição de parecer logo um carro ou de ser mesmo o carro.

A Irmã White não viu carro nenhum; repetimos que ela viu «visões». Também junto ao Jordão desceu o Espírito Santo sobre Jesus, em forma corpórea, como uma pomba. Quem admitirá, contudo, que o Espírito Santo, a terceira Pessoa da Santíssima Trindade é, de facto, uma pomba? E aqui não se tratava de visão. Quanto mais nas visões dos Profetas e da Irmã White deveremos nós ter cuidado de destringir entre aparências e realidades. Interpretam os Davidianos, em sentido literal, as profecias do Velho Testamento? Por certo, não. Sempre que o senso comum fique chocado, interpretam em sentido figurado. Pois bem, é o que nós faremos com os tais carros. Temos do céu uma ideia muito diferente de garagem de recolha.

FOLHETO N.º 15 → «**Quem é a mulher vestida de Sol?**»

Resumo da leitura: A mulher de Apocalipse 12 representa uma Igreja. O Sol representa a Palavra de Deus. Que significa a Lua? A luz que a Igreja tinha antes de possuir o Sol, logo a tradição. (Aqui começam as dificuldades: então a Lua apareceu primeiro do que o Sol?) Nenhum texto bíblico é apontado em favor desta interpretação. Bem, o Sol brilha durante o dia — da graça de Deus; a Lua brilha durante a noite — logo que se feche a porta da graça. (Contradição aparente com o que atrás fica; até aqui a tradição era a única luz antes da Bíblia; agora já brilha depois de fechada a porta da graça, no futuro). A partir da pergunta 9, cai na interpretação nossa conhecida: a mulher representa a Igreja quando do nascimento de Jesus. Daí para diante é doutrina adventista sem tirar nem pôr, excepto dizer que o número 12 simboliza governo. Não apresenta nenhum texto da Bíblia para o provar nem... do Espírito de Profecia.

Crítica: Basta o que acima se lê. Como o folheto é gratuito, não há prejuízo para quem no ler.

FOLHETO N.º 16 → «**O dragão das sete cabeças**»

Resumo da leitura: É o diabo. Mas só foi expulso do céu quando Jesus nasceu e não quando se revoltou contra Deus. Os dez chifres representa todo o mundo. As sete cabeças indicam sete igrejas, porque uma delas ferida de morte é a Igreja de Roma, logo as outras têm de simbolizar igrejas também. O número sete indica universalidade — logo as sete cabeças são todos os sistemas religiosos nos dias de Cristo. Conclusão: Satanás controla as nações do mundo representadas no número dez. O número sete indica a apostasia total ou completa na Igreja Judaica de então.

O resto pouco ou nada adianta.

Só poderemos vencer o dragão pelo Sangue de Jesus — o que fica muito bem dito.

Crítica: O folheto tem contradições visíveis. Se o número dez significa universalidade, todo o mundo (pergunta 11), como é que para significar todos os sistemas religiosos ou igrejas seja preciso o número sete (pergunta 12)? E se as sete cabeças significam todos os sistemas religiosos ou Igrejas no tempo do nascimento de Jesus, como é que o número sete pode indicar a apostasia total na Igreja judaica de então (pergunta 14, alínea b)? Então o diabo não foi expulso do céu quando se revoltou e a expulsão do Apoc. 12:4 só se deu pouco antes do nascimento de Jesus?

É assim que ensinam os Davidianos, mas não é assim que nós pensamos que se deva interpretar. Com efeito: Se Satanás não foi expulso completamente do céu, também o não foram os anjos rebeldes. Ora os anjos maus foram lançados no abismo quando da sua rebelião, como lemos em 2 Pedro 2:4 e Judas 6, e com estes textos concorda o Espírito de Profecia, Conflito dos Séculos, ed. brasileira, págs. 499 e 500:

«Quando foi anunciado que, juntamente com todos os que com ele simpatizavam, deveria ser expulso das habitações da bem-aventurança, o chefe rebelde con-

O caso

do

PADRE MANUEL DA ASCENSÃO DIAS

APÓS ter mandado para muitas centenas de pessoas a circular publicada no n.º 41 desta revista, afastou-se de nós com a decisão firme de voltar dentro de dois dias. Pediu a nossa protecção porque, segundo dizia, ficava desamparado de todos, inclusivamente da família. Como não podia deixar de ser e até com muito prazer nosso, lhe prometemos todo o apoio moral e material de que pudesse carecer.

Passaram-se os dois dias e não apareceu. Enviou uma carta ao Pastor E. Ferreira descrevendo a reacção familiar e comunicando que iria publicar uma nota no *Distrito de Portalegre*. De facto, 48 horas depois de ter estado connosco, aparecia a dita nota no *Distrito*, em que o Padre Dias declarava não ter sido definitiva a sua resolução indicada na circular, mas que ia reconsiderar melhor.

Ficámos mal impressionados. Tão rápida mudança, em 48 horas, após breves conversações com as autoridades eclesiásticas católicas!

Passaram-se mais dois dias e resolvemos procurar o nosso amigo, na boa intenção de lhe fazer sentir que não estava desamparado. Tinha partido para a sua terra natal. Recebemos comunicação dele, de casa da sua família, na qual nos dizia que não voltava a Castelo de Vide mas que, para comprazer com a família, iria fazer um curto estágio no Convento de Singeverga, perto de Negrelos. Pedia que lhe remetêssemos para casa a correspondência. Resolvemos que deveríamos ir apertar-lhe a mão, antes da partida da sua aldeia natal para o convento. Quando chegámos à estação de Castelo de Vide, com intenção de tirarmos bilhete e de marcharmos a cumprir o nosso dever de irmãos em Cristo, no risco de afrontarmos família e aldeia fanática da Beira, fomos informados que o Padre Dias tinha chegado a Castelo de Vide naquela mesma manhã. Grave contradição! Pois bem, mudámos de rumo para Castelo de Vide. Antes de entrar na vila orámos a Deus e dissemos: «Senhor, se não é elemento que Tu queiras na Tua Igreja pedimos-Te que o afastes já; se é da Tua vontade empregá-lo para bem, ajuda-nos a encaminhá-lo». Lá fomos. Estava na Igreja e tivemos de esperar três horas para nos receber. Quando saiu da sacristia, reparámos logo no aspecto dele, e pareceu-nos pouco satisfeito em nos ver. Acompanhámo-lo a casa. Em resumo dissemos:

— Para que vai para o convento?

— Preciso estudar as objecções que tenham a pôr-me.

— Mas não acha que seria melhor para um exame imparcial colocar-se em terreno neutro, onde possa ouvir, ler, discutir com toda a liberdade?

— Eles dizem que me dão essa liberdade lá no convento e não há perigo de contágio das paredes.

— Mas está capacitado da verdade do Adventismo ou tem dúvidas?

— Não tenho dúvidas nenhuma e vou apenas para que não digam que fujo à discussão.

— Bem, mas para haver uma discussão franca seria melhor colocar-se num hotel, por exemplo, onde nós pudéssemos ajudá-lo com citações, argumentos, livros, em caso de dificuldade e tanto mais que o Irmão é ainda inexperiente nessa espécie de discussões.

— Não pode ser. Prometi ir e tenho de ir.

— Nesse caso, então, vimós dar-lhe um abraço de despedida e pôr-nos ao seu incondicional serviço. Queira comunicar qualquer dúvida, qualquer embaraço, mesmo telegraficamente, e nós ajudá-lo-emos consoante pudermos.

E viemos embora. O Irmão Nunes Branco e eu não trazíamos esperanças nenhuma. Tinha assumido em 48 horas uma atitude incompreensível. Se para publicar a primeira circular se servira de um endereço nosso, por que razão publicara uma nota no jornal sem no-la participar previamente? Se mandou dizer que não voltava a Castelo de Vide, por que razão voltou lá nas 24 horas seguintes? No momento em que escrevia a dizer que não vinha estava a planear a viagem. Se queria estudar as objecções católicas, por que não se colocava em terreno de independência? Se era nosso Irmão de fé, por que nos fazia esperar três horas, a nós que íamos empurrados apenas pelo desejo de lhe ser úteis espiritualmente? Viemos, pois, capacitados que a conversação com as autoridades católicas tinha dado resultados seguros que denotavam bem não ter sido o simples interesse pela pura verdade o que motivara a atitude do nosso amigo. Ali havia coisa...

Muito bem. Queria ficar Padre? Pois ficasse. Deus estava-nos a mostrar o caminho.

O pior foi que, passadas semanas, no *Distrito de Portalegre*, aparecia uma pública circular em que o nosso homem muito arrependido da sua atitude declarava que a primeira circular fora «escrita e publicada num momento de exaltação provocada por uma tensão nervosa e desorientação de espírito, ultrapassando, em ultrages e vilanias, quanto era de esperar do mais indigno dos cristãos... Após umas semanas de recolhimento e de meditação dos problemas que me preocupavam, vejo quanto me desviei do bom caminho... Pela minha parte, sinceramente arrependido e reconhecendo o erro em que caí, reprovo e condeno tudo quanto é contrário à doutrina da Igreja Católica, particularmente os erros do «Adventismo»...» Apontava oito teses doutrinárias, especialmente estudadas connosco, da Igreja Católica, como sendo verdades «em que desejava viver e morrer».

Se tivesse mandado esta circular pelo correio, ficaríamos calados. Agora vir a público, num jornal, apresentar uma confissão de Fé, de doutrinas cujo erro ele tão vivamente vira que escrevera a primeira circular; declarar que «após semanas» o erro era tão crasso que o pôde logo ver, quando levava meses de

estudo para o aceitar; não ter a caridade cristã de vir ter connosco para nos apresentar a nova luz recebida; tudo isso, não podia ficar sem uma reacção da nossa parte. Por isso, mandámos para os jornais de Portalegre a seguinte carta aberta que eles tiveram a gentileza de publicar:

CARTA ABERTA

Ex.^{mo} Sr. Padre Manuel da Ascensão Dias

Senhor Padre Dias

Sabe muito bem a maneira desinteressada como prestaram os Pastores Adventistas em Portalegre o auxílio religioso solicitado pelo Senhor. Deram a luz que possuíam sobre os pontos doutrinários focados na sua circular publicada no Distrito de Portalegre, a 26 de Julho. Após alguns meses de leituras, estudos e trocas de impressões, resolveu o senhor Padre Dias dar pública adesão à Igreja Adventista, por circulares, telegramas e cartas da sua absoluta autoria e responsabilidade e sem que tais processos fossem por nós sugeridos ou sequer nos interessassem.

Depois de tudo isso, resolveu refazer, em curto espaço de tempo, o exame da questão, e aparece agora em público a dizer que após semanas de recolhimento e meditação dos problemas que me preocupavam, vejo quanto me desviei do bom caminho.

Pois bem, parece-nos de elementar honestidade, brio profissional, dignidade cristã e de cavalheiro, vir dar-nos, em particular ou em público, por si ou por idóneo procurador seu, uma réstea dessa potente luz recebida pois não desejamos continuar nas nossas sinceras e baseadas «trevas». Queira tratar-nos como nós o tratámos, com toda a lealdade cristã já nem falando em caridade.

Não lhe damos nenhuma notícia nova, ao declararmo-nos prontos a ouvir e discutir, em particular ou em público, os oito pontos da sua nova circular.

Como na que me enviou não indica a sua morada, tomo a resolução de lhe fazer chegar esta ao seu conhecimento por meio dos jornais.

Com os melhores votos para que esta experiência fortaleça em si a ponderação e imparcialidade, ficamos ao seu inteiro dispor.

A. Dias Gomes

Nos mesmos jornais anunciámos, para domingo 10, uma conferência pública com o título: «Breve análise aos oito pontos da circular do Padre Dias».

Bem, com a nossa casa repleta ao máximo, gente no jardim a ouvir pelas janelas, automóveis no pátio que tinham trazido ouvintes até das vilas próximas, entoámos a coral de Lutero e procedemos à respectiva análise, baseados nas Sagradas Escrituras.

O Padre Dias resolveu ficar Padre. Afigura-se-nos que o poderia fazer de forma mais nobre. E nós, que não tivemos a oportunidade de passar uns dias de férias no convento de Singeverga nem ouvir as doutas

objecções nem ver uma réstea de tão potente luz, ficamos Adventistas conscientes.

No próximo número daremos um resumo da conferência realizada na nossa Igreja.

Parece-nos que o público julgou com o seu bom senso. Apanhou logo as diferenças entre as duas circulares. Viu que o Padre Dias não foi imparcial mas jogou no partido mais forte e que lhe podia conceder maior número de facilidades.

Deus nos perdõe e nos ilumine.

A. Dias Gomes

COLECTA DAS ASSEMBLEIAS DE 1947

Contamos com essa verba para fazer os bancos da Congregação do Porto, para a sua nova Sede.

Pedimos a todas as congregações que continuem no seu bom espírito de auxiliar este fundo, de forma a fazermos uns bancos fortes e cómodos que, nos anos próximos, terão de aguentar com o peso de ouvintes, chamados pela propaganda, à nova sede do Porto. E se sobejar algum dinheiro, temos em Canelas a respectiva construção. Contamos com todas as ajudas, com 50% do excedente na Campanha das Missões e... com o auxílio da Divisão Sul-europeia, nossa boa Mãe, lá em Berna.

fessou então ousadamente o seu desdém pela lei do Criador... Assim o ar quírr rebelde e seus sequazes foram finalmente banidos do céu.»
«Unidos com Satanás em sua rebelião e com ele expulsos do céu, têm, através de todas as eras que se sucederam, cooperado com ele em sua luta contra a autoridade divina.» (Idem, pág. 513).

Logo... pensam mal.

FOLHETO N.º 17 → «A serpente lançando um rio de água atrás da mulher?»

Resumo da leitura: O rio para destruir a Igreja foi lançado depois de 1798, porque... o versículo Apoc. 12:15 vem depois de 12:14. Ora depois de 1798 apareceu a Igreja Adventista, organizada em 1844. O rio tem de representar povos. Logo entrou dentro da Igreja uma multidão de pessoas cujo fim era destruí-la. Assim, sendo objectivo da Igreja Adventista os 144.000, já tem mais de 700.000. Mas o que excede 144.000 não presta, é água de inundação, é joio que tem de ser destruído. Por isso, a terra se abrirá como nos dias de Coré para os tragar. Depois disso, então sim, então é que os 144.000, nem mais um nem menos um, irão buscar os escolhidos que estão na Babilónia, que não é a Igreja Adventista (vejam a pergunta 16) mas sim o mundo. Por isso, se não queremos ser tragados pela terra aberta, não toleremos abominações em nós nem na Igreja de Deus.

Crítica: A conclusão é muito boa. Vamos ver se seremos capazes de seguir tão útil conselho. Temos pena, contudo, que, por infelicidade, alguns dos que se apresentam a dar-nos esse conselho, tivessem sofrido a expulsão da Igreja Adventista. Seria por iniquidades deles ou por abominações dela?

Mas vamos ao folheto: Então o rio representa a multidão entrada na Igreja Adventista e que excedeu o número de 144.000? Nesse caso, não entrou tal rio em 1844. Desde a data da organização da Igreja Adventista até que ela tivesse 144.000 membros ainda demorou um pouco. Coisa esquisita: nunca foi doutrina da Igreja Adventista que só podia ter 144.000. Pensou-se sempre que deveríamos baptizar e receber na Igreja «todos aqueles que se deviam salvar». Nós não podemos recusar o baptismo àqueles que se apresentam, movidos pela pregação e dizendo querer fazer parte do nosso povo. É certo que com o excedente de 144.000 saídos do Adventismo e indo para o Davidianismo, isso dava um certo jeito. Mas uma coisa é o prazer e outra a verdade. Conclusão: doutrina errada.

Há uma particularidade a notar: A Igreja Adventista já não é a Babilónia (vejam a pergunta 16). Fizeram progressos. Ainda há anos era a Babilónia, no dizer do nosso amigo davidiano do Funchal. Nessa altura era necessário sair dela. Agora, já isso não é verdade. Mudaram os ventos. Antigamente era o Reformismo, com sede na Holanda. Agora é o Davidianismo com sede na América. E amanhã o que será?



Concluindo

Não vemos na matéria dos folhetos nenhuma mensagem digna da organização de uma nova Igreja para a proclamar. São apenas pequenos nada, minúcias de interpretação que poderíamos adoptar se fossem verdadeiras. Parecem-nos cheias de contradições, letra forçada, vontade de encontrar divergências. Nos folhetos já examinados até aqui queira o leitor ver que são apresentadas divergências muito semelhantes às que dois cônjuges, de peito feito ao divórcio, apresentam para se separarem. Toda a gente vê a sem-razão de tais razões.

As grandes verdades fundamentais do Adventismo ficam de pé.

Continuaremos a combater as artimanhas doutrinárias do grande Adversário da união pedida por Jesus.

A. DIAS GOMES

REVISTA ADVENTISTA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

..

Redacção e Administração:
Rua Joaquim Bonifácio, 17

..

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picoas, 34—LISBOA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da
União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Cont. e Ilhes Colónias

Número avulso .	1\$50	2\$00
Assinatura anual	7\$50	10\$00